

Denominações de ruas



Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 31 do mez lindo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alferes Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMAOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Marinho, no Botafoço. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafoço. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARAES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e parallela á precedente (sob n. 10, planta da Prefeitura); — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua parallela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogyana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo, (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Iza*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, parallela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localisada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogyana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a parallela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGAARD, a 1.ª parallela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANT'ANNA GOMES, a 2.ª parallela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua parallela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª parallela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª parallela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a parallela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, parallela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberto Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alferes Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e parallela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa parallela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), parallela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguara. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARAES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 31, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua parallela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende

RUA DR. SILVEIRA LOPES

Edital de 12-setembro-1927

Formada pela Travessa do Ginásio

Início na Rua Marquês de Três Rios

Término na Rua Cultô à Ciência

Botafogo



"O DR. VALENTIM JOSÉ DA S ILVEIRA LOPES

A primeira notícia surgiu, terrível e apavorante, em 26 de abril de 1876, pelas colunas da imprensa - "a febre amarela" que não subia a serra chegara à Campinas! Aquilo provocou um certo mal estar e mesmo uma espécie de estupor na classe médica, que conhecia e muito bem quão terrível era a moléstia si, de fato, fôsse verdade o que a imprensa noticiava: "Miguel da Silva, negociante de escravos, faleceu ontem nesta cidade no Hotel dos Viajantes, de febre amarela, que já trazia incubada do Rio de Janeiro ou de Santos. Viera do Rio Grande do Sul. Dos nove escravos que trouxera para seu negocio cinco fugiram, supondo-se que levaram alguma coisa do finado, pois, do dinheiro arrecadado pelo juiz de Direito Souza Lima, além de roupas e alguns títulos, foram recolhidos, apenas, onze mil réis em cobre".

Mas, essa primeira morte não parecia tão simples para se contar, pois que, outros casos da febre estariam ocorrendo na cidade, segundo nos relata o ilustre médico dr. Silveira Lopes, em seção livre de uma das fôlhas da cidade, de 30 de abril de 1876.

Segundo consta de uma auto biografia ampliada de que fôra elaborada pelo próprio dr. Valentim José da Silveira Lopes, cujas notas nos foram gentilmente cedidas pelo sr. Benedito da Cruz Passos que, está, em companhia de outros elementos colhendo dados para confecção de um livro sobre a "História da Beneficência Portuguesa de Campinas". Nasceu o futuro Visconde de S. Valentim na cidade de Lisboa, em 13 de setembro de 1830, sendo filho de Francisco José Lopes e d. Sebastiana Líbia Franco. Casou-se naquela cidade de Portugal em 27 de outubro de 1849 com d. Antonia Adelina do Amaral Pereira, natural da mesma cidade e nascido em 23 de fevereiro de 1830, tendo ela falecido em 26 de fevereiro de 1895.

Dêsse consórcio nasceram sete filhos: Adelina Amélia Lopes Vieira, que enviuvou cedo do Cel. Antônio Arnaldo Vieira da Costa; d. Maria José, falecida em 18 de abril de 1896, viúva do

RUA DR. SILVEIRA LOPES



Fls. 02

Capitão Francisco Álvaro de Souza Camarões (Camarão), em primeiras núpcias e de João Duque (Duque?), em segunda núpcias; Valentim José, que se casou com d. Leonor Sampaio Lopes; d. Adelaide, falecida em 7 de maio de 1914 e que foi casada com Luiz de Souza Gonçalves; Augusto, falecido com 1 ano e meio; d. Julia Valentina casada com o poeta e jornalista Filinto de Almeida, uma das maiores expressões da poesia brasileira, cuja biografia estará também neste volume e de d. Alice Luiza, nascida em Campinas que se casou e tornou-se, depois, viúva de Luiz Campeão.

Após serviços prestados como soldado do Exército português Silveira Lopes iniciou seus trabalhos como educador fundando pequeno estabelecimento de ensino na própria cidade de Lisboa, com o nome de "Escola Minerva" anexado em seguida ao "Colégio Artístico Comercial", também fundado pelo futuro Visconde de São Valentim. Como educador foi um dos grandes auxiliares do notável escritor contemporâneo Antônio Feliciano de Castilho, lutando sempre ao seu lado pela completa anulação do analfabetismo em sua pátria. Foi aquele dedicado escritor seu contemporâneo e graças aos seus ensinamentos que se editou pouco mais tarde a famosa "Cartilha Maternal", de autoria de João de Deus. Ainda em sua pátria foi instituidor e secretário da "Associação Promotora de Educação Popular" que tanto renome alcançou naqueles dias, tendo por companheiro dedicado o Marechal Duque de Saldanha e o já agora Conselheiro Antônio Feliciano de Castilho que era, na época, Diretor da Instrução Pública em Portugal. Ainda em Lisboa concorreu e trabalhou com afincamento para a fundação do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, na companhia do já agora seu velho amigo Castilho e dos não menos notáveis Mendes Latino Coelho, Silva Tulio e outros grandes homens que deixaram seus nomes inscritos indelévelmente na história da pátria portuguesa do século passado. Mais tarde, por questões surgidas como sócio que era do "Colégio Artístico Comercial" e, mais ainda, temendo o cólera morbus que grassava pela Europa, receando, antes de mais nada, pelos membros de sua família, embora sabendo-se esbulhado em seus direitos naquele acreditado estabelecimento de ensino e, mesmo desiludido, resolveu deixar sua pátria, trocando-a pelo Brasil, embarcando em sua terra natal num navio à pátria que ia adotar como sua, de coração, em 14 de setembro de 1856, no antigo barco de nome "Avon", da linha Real Inglês, chegando à Corte brasileira em 6 de outubro daquele ano. Mais tarde, arrumadas as malas e sua residência no Rio de Janeiro man-



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 03

dou buscar a família que ali chegou em setembro de 1857, vindo a penas um de seus filhos menores, o de nome Valentim, de dois anos de idade e ficando, ainda, em Lisboa, os mais velhos. Pouco ficou na corte do Rio de Janeiro mudando-se quase em seguida para a cidade de Macaé onde, dando largas aos seus bons cuidados com a educação dos povos, montou um pequeno colégio. Pelos serviços que já prestara em Portugal e pelos que mostrava-se disposto a colaborar em nome de sua pátria no Brasil, logo pouco depois era ele nomeado vice consul de Portugal em Macaé, onde permaneceu, ainda, cerca de três anos, tempo suficiente para se aclimatar no Brasil. Seus pendôres, no entanto, continuavam voltados para os estabelecimentos de ensino e retornando ao Rio de Janeiro, tendo como mentor o Conselheiro Euzébio de Queiroz Motoso da Câmara fundaram o "Colégio de Humanidades", à rua do Lavradio, em prédio situado frente à rua de "Relação, em cuja casa nasceu, então, d. Júlia Lopes de Almeida.

O nascimento da notável escritora e poetisa foi em 24 de setembro de 1862, tendo sua morte ocorrido na mesma cidade, em 30 de maio de 1934. Possuidora de estilo fluente, dedicou-se a escrever livros didáticos entre os quais são considerados como obras-primas: "Contos Infantis", "Histórias de Nossa Terra" e "Árvore". Escreveu, também, "Livro das Noivas" e "Livro das Donas e Donzelas". Casada com o escritor Francisco Felinto de Almeida recebeu valiosos opiniões de intelectuais, tendo o crítico Henrique Perdigão assim se expressado: "creou para sempre lugar de destaque tão alto que a crítica chegou, por vezes, a chamá-la a "George Sande brasileira". D. Júlia Lopes de Almeida, que sempre acompanhou seu pai em tôdas viagens, em companhia de sua família residiu durante muito tempo em Campinas, tendo colaborado em alguns de nossos jornais, cujos escritos, embora raros, sempre foram admirados pela nossa gente, que nunca lhe regateou aplausos à magnífica obra de escritora e poetisa.

Anos depois mudou Valentim o estabelecimento para Nova Friburgo substituindo ali o Barão de Tentphoens que havia transferido sua moradia para a Corte. Ainda existe naquela cidade de Nova Friburgo aquele prédio, onde se instala modernamente o "Colégio Anchieta", dos jesuitas de Jesús, de onde têm saído as mais belas inteligências que ali apuraram seus conhecimentos, no "Colégio de Humanidades", o que o tornaram célebre até nossos dias (1965).

RUA DR. SILVEIRA LOPES



Fls. 04

Mas, o dr. Valentim José não se sentia bem. Entendia que era necessário continuar em outro ramo de vida e, então, resolveu prosseguir nos seus estudos médicos, iniciados no Colégio do Rio de Janeiro, tendo embarcado pouco depois para a Alemanha, onde se formou na célebre Universidade de Rostock, tendo como mestres os nomes mais em evidência naqueles dias na Europa, tais como Ackermann, Frantz, Winckel, Simon e Thiafelrder. Formado, registrou seu diploma na cidade de Berlim ratificando-o com os testemunhos dos Ministros da Prússia e do Brasil e retornando, então, à pátria que adotara.

Vindo para cá, foi quase em seguida para a Bahia onde prestou exames de suficiência e defesa de tese, o que aconteceu no ano de 1866 e, daí em diante Valentim José da Silveira Lopes entregou-se inteiramente ao seu nobre mistério exercendo durante dois anos o cargo de médico substituto da "Beneficência Portuguesa" na Corte, cargo que deixou pouco depois, unicamente, por se sentir doentado, mal, mesmo, em seu estado físico.

Como não conviesse à sua saúde o clima da Capital do país resolveu, então, mudar-se para Campinas e aqui tentar a sorte, em ambiente que lhe era inteiramente desconhecido mas, numa cidade cuja fama ultrapassava em muito as fronteiras da Província, principalmente pela sua riqueza e movimento. Assim, em 1869 mudou-se para cá e um ano depois (24 de janeiro de 1870) foi apresentado ao departamento da Câmara Municipal o seu diploma de médico formado pela Academia de Rostock, verificada sua suficiência pela "Academia da Bahia", ordenando-se, então, que fosse o mesmo registrado no livro competente. Desde sua chegada, no entanto, o dr. Silveira Lopes entregou-se a um ramo da medicina que não era muito bem visto pelos nossos clínicos já aqui moradores, ou fossem os doentes de varíola, cujas epidemias eram frequentes segundo lhe informaram, estabelecendo desde logo um posto vacínico gratuito junto à Farmácia Berreto, no Largo do Rosário. Esta botica, como era chamada, pertencia ao farmacêutico Antônio Jesuino de Oliveira Berreto que já aqui se estabelecera alguns anos antes tendo apresentado seu diploma à edilidade, para o devido registro, como, também, era obrigatório para essa classe, em 14 de julho de 1864. Mais tarde associou-se ele com um seu colega de profissão fundando a "Farmácia Imperial" (1866), de Berreto & Cia. Era costume, como se disse, o registro de "boticários formados", embora houvesse abuso de alguns indivíduos que, sem competência, aqui se estabeleciam como acontecia, naturalmente, com os "curadores", a que já nos referimos. De maneira que em 1873 possuíamos na cidade cinco farmácias segundo



informação que se prestara à Junta de Higiene Pública de S. Paulo, tôdas dirigidas por farmacêuticos formados, além da que era orientada por Jesuino que, diga-se de passagem era, também, cirurgião da Guarda Nacional neste Município. E, acrescentava-se que sua farmácia em nada desmerecia as outras, não porque ao seu diretor faltasse habilitação profissional, mas pela sua conduta e zelo, além de habilitação comprovada, consciência no desempenho de seus deveres, o que se provava pela aceitação que tinha por parte do povo.

Já um ano depois o farmacêutico Barreto mantinha seu estabelecimento e consultório à rua do Comércio nº 47, onde atendia regular número de clientes. Embora, ocorrendo abusos por parte de alguns indivíduos menos avisados e alguns até atrevidos, Baltazar Jesuino foi tolerado pelas nossas autoridades que nele viam também um excelente prático, como acontecera com o doutor Mota antigamente (1722), na capital da Província. Isso lhe deu créditos para que continuasse estabelecido, sempre muito ligado ao Dr. Valentim José. Pouco depois associou-se o boticário e um outro farmacêutico formado, Antônio Francisco Cruz, ficando, então, estabelecido que seria tolerada, ainda, a clínica do Baltazar enquanto este cavalheiro continuasse a prestar sua assistência efetiva junto ao estabelecimento comercial da rua do Comércio, como determinava o novo Regulamento de Higiene Pública. Era Barreto muito católico, o que estava de acordo com os sentimentos religiosos do dr. Silveira Lopes e foi um dos principais promotores (1873), da "Festa da Invenção de Santa Cruz", quando, então, se celebravam festividades com missas cantadas, etc. Desligando-se (1876) pouco mais tarde, de seu antigo sócio, o Cruz, apresentou êle à Câmara como responsável pela sua farmácia o boticário formado Francisco Soares de Gouvêas e assim continuaram explorando o ramo a que se dedicavam com esmero, sempre recebendo a preferência pública.

Assim, com êsse amigo a quem se tornou dedicado, o dr. Valentim José da Silveira Lopes pôde, pouco depois de sua chegada à Campinas, abrir uma das primeiras clínicas particulares com a fundação de uma "Casa de Saúde" que inaugurou em 6 de janeiro de 1871, recebendo doentes que ali ficavam internados como em um hospital, pois seu estabelecimento não tinha outro caracter senão êsse.

Prosperou a "Casa de Saúde do Senhor Bom Jesus", como era denominada (6 de dezembro de 1872) e, recebendo pessoas livres e es



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 06

cravas para ali serem tratadas em quarto particular ou enfermaria, cobrando-se 5\$000, 3\$000 e 2\$000 de diária, sendo os medicamentos fornecidos pelo estabelecimento do hospital, sem aumento de preço.

Quando em 1875 Campinas sofreu novamente ataque impiedoso de uma epidemia de varíola, considerada, também, como a de 1855, uma das piores que assaltára a cidade, o dr. Silveira Lopes desdobrou-se em seus serviços clínicos, atendendo seus doentes não só na enfermaria que fôra estabelecida pelo Coronel Joaquim Quirino dos Santos, conforme relatamos na biografia d'êste benemérito campineiro, como também, atendendo e assistindo todos os variolosos pobres da cidade que o procuravam naquela enfermaria, na cadeia pública ou em casas particulares por mais modestas que fossem. Desdobrou-se, ainda mais, diante daquela luta que mantinha e num meio evitado, quando possível, por colegas, de maneira que angariou donativos até que a Municipalidade pudesse dar início ao antigo "Hospital dos Variolosos" da cidade, que se montou na larga avenida que de futuro não remoto conduziria ao cemitério do fundo, ainda não existentes naqueles dias.

Naquêlé mesmo ano, ainda não de todo refeito da doença que o assaltára na Côte, cansado de tanta luta e quando a cidade já mais calmamente repousava da árdua campanha que empreendera de combater ao mal variólico, enviou o dr. Silveira Lopes ofício à direção do Hospital dos Bexiguentos pedindo demissão do cargo de diretor que passaria, então, para a ordenação clínica do dr. Fernando Marinho de Azevedo.

Este companheiro do médico português aqui também se estabeleceu desde 29 de janeiro de 1873, quando apresentára seu diploma à Câmara para o devido registro. Era formado pela Real Academia do Rio de Janeiro, e sua nomeação para o Lazareto de Campinas ocorreu um ano depois (19 de janeiro de 1874), nomeação essa que se efetivou à seu pedido, por um requerimento feito na data. Era o dr. Marinho de Azevedo, além de clínico operador e parteiro, residindo, primeiramente, à rua do Rosário nº 14 (Regente Feijó), onde se "encontra à disposição das pessoas que o queiram honrar com sua confiança". Pouco depois de ter aqui fixado residência (novembro de 1873), abria uma Casa de Saúde com o nome de "São Vicente", à rua Formosa (Conceição), esquina da rua do Comércio (Luzitana), com 38 leitos para doentes em sua enfermaria, dirigindo-a em companhia do dr. Lacerda, cobrando-se por diária cinco mil réis por quarto particular e dois mil réis na enfermaria geral, sendo as operações mais importantes dependentes de convenção com o paciente. Foi, tam



bém, seu companheiro naquela casa de tratamento o dr. Pereira Lima, outro médico que se radicou em Campinas e aqui morou durante largo número de anos, praticando naqueles dias delicada operação "no fígado de Francisco P. de Goes, de cujo órgão conseguiu extrair (segundo notícia dos jornais da época que davam grande importância aos casos de cirurgia), nada menos de 4 libras de pús; o que se considerou, então, façanha digna de registro."

Outra operação que chamou a atenção da classe médica daqueles dias, foi a praticada pelo dr. Fernando Marinho e seu colega o dr. Vicente Maria de Paula Lacerda, em Luciano Teixeira Nogueira que, sofrendo de catarata e com 75 anos de idade suportou muito bem aquela ato cirúrgico praticado pelo método chamado de Graeff. O paciente que havia ficado privado da vista, durante muito tempo, logo operado passou a distinguir com clareza objetos e pessoas, tanto assim que em regozijo pela recuperação da vista que quase o cegara durante mais de ano, mandou celebrar missa na Matriz de Santa Cruz, promovendo festa em casa do sr. Lacerda que, aliás, era seu genro. E todos conhecemos bem a tradição dos Teixeira Nogueira na história de Campinas!

Mais uma façanha operatória foi praticada na Casa de Saúde de rua Formosa (9 de fevereiro de 1873), segundo relatou o "Diário de Campinas": "Operação cirúrgica. Acabamos de ter conhecimento de uma importantíssima operação cirúrgica praticada com o seu reconhecido talento e proficiência pelo dr. Lacerda em um doente da Casa de Saúde "São Vicentê de Paulo", em cinco do corrente, tendo êle o auxílio dos ilustrados drs. Cintra (Mogi Mirim), Sarmiento, Daniel e Marinho e do estudante de medicina José Celestino, constituindo aquele ato na extirpação de um vasto tumor medindo palmo e meio de extensão em seu maior diâmetro e um palmo no menor, assestado na região cêrvico dorsal do paciente, desde a base da cabeça até o nível dos ângulos inferiores dos omoplatas e fortemente aderente às hipófises espinhosas das vértebras dessa região. O tumor era de natureza cirrosa, excessivamente vascular datava de mais de três anos. A operação ocorreu sem acidentes a pesar da grande vascularidade do tumor que inundava de sangue o campo onde era ela praticada".

O dr. Fernando Marinho de Azevedo continuou residindo em Campinas até novembro de 1885, quando, então, resolveu transferir sua residência para a cidade de Santa Cruz das Palmeiras e ali deve ter terminado seus dias.



Mas, escrevíamos linhas atrás que o dr. Silveira Lopes pretendia ir à Europa, não somente para rápido descanso em sua atribulada vida de médico, como, e principalmente para trazer para Campinas membros de sua família, ficando sua Casa de Saúde aberta sob a direção do dr. Oliveira Santos, que continuaria a receber doentes sob as condições de costume.

Também este companheiro de clínica do médico português, pouco tempo se demorou em Campinas, daqui se retirando em 12 de junho de 1879 "depois de sete anos de residência (Diário de Campinas) nesta cidade, segue hoje e retira-se para a Capital do Império o estimável sr. dr. Pedro Francisco de Oliveira Santos, facultativo cujas habilitações são por demais conhecidas e cujo simpático caráter Campinas soube sempre reconhecer. Ao sr. dr. Oliveira Santos que entre as pessoas que o conhecem de perto deixa profundas saudades, pelas suas maneiras cativantes, fazemos votos pela sua felicidade pessoal e de sua exma. família".

Correto como sempre o fôra deixava anúncio na seção particular da folha dos Sarmentos para "quem se julgasse seu credor o favor de mandar suas contas para a rua do Comércio nº 27, assim como pedia aos seus devedores que o quizessem satisfazer em seus débitos o envio de suas contas para aquêlê endereço." Pouco depois (18 de junho), a imprensa da Côrte noticiava a chegada àquela cidade do antigo companheiro do sr. Silveira Lopes, escrevendo-se na "Gazeta de Notícias": "Acha-se nesta Côrte, onde tenciona fixar residência, o dr. P. F. Oliveira Santos, ilustrado médico que por muito tempo clinicou na cidade de Campinas, Província de São Paulo. O abalizado facultativo já deu provas de sua capacidade, quer como clínico quer como médico, segundo relatou com encômios a imprensa de São Paulo. "E, anos mais tarde (15 de maio de 1883), sabia-se aqui que Oliveira Santos, "conhecido médico que aqui residiu há tempos, acaba de ser nomeado encarregado da estatística patológica e mortuária anexa à Junta Central Higiénica da Côrte".

O dr. Silveira Lopes verdade se diga, pretendia mesmo descansar um pouco de sua vida laboriosa e assim (15 de março de 1875) depois de não pequenos sacrifícios pessoais que fez durante sua administração como diretor do Lazareto no intuito de prestar, com esmero, benefícios ao público, embarcou para uma rápida visita à sua terra natal. Noticiou, então, a folha de Quirino dos Santos em sua seção particular "que a mocidade local lhe augura boa viagem e que regresse logo ao seio deste povo onde o aguarda uma estina profunda, eis o que lhe desejamos, principalmente a pobreza que sempre teve nêlê, em seu desvêlo e caridade o lenitivo para suas dores".



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 09

Como se pode notar por estas palavras tão singelas, já o povo campineiro traduzia a gratidão da pobreza da cidade, principalmente àquêle que tão assinalados serviços lhes vinha prestando, àquêle que seria tão notável como os mais destacados elementos da classe médica da cidade de Barreto Leme.

Dia 19 de março de 1875 seguia êle novamente para Santos com o intuito de aguardar o navio que o levaria à sua terra natal, deixando um circulo de amigos já enorme na cidade, que sempre o DEARA de estima e consideração pelo nobre caráter que possuia. "Em que se abrem as mais belas qualidades de alma unidas às dores de alto espírito eminentemente cultivado. A sua viagem é temporária pois que vai unicamente buscar sua família. À estrada de ferro, no momento de seu embarque, compareceram, além de inúmeros cavalheiros e senhoras, elementos das Lojas Aug. e Independência, do qual era êle 1ª vog., sendo acompanhado até Jundiaí por seus amigos." Ao partir deixara o dr. Silveira Lopes informação de que a folha de Quirino dos Santos tinha em seu poder uma lista para angariar donativos a fim de edificar-se um hospital destinado a receber beixigentos, lista essa que estaria em mãos do vereador Bento Quirino dos Santos, com quem, igualmente, ficaram tôdas as quantias já arrecadadas para aquêle nobre fim. Escrevendo pouco antes de partir sobre medicina legal foi contraditado por um seu colega o que provocou por parte de Silveira Lopes tréplica sob o título de "A Jurisprudência Perante a Medicina", em que analisa o assunto profundamente e em longo artigo que provocou sensação na classe médica aqui radicada, tendo o dr. Moraes Sales, advogado, contrariado o. Seu estudo baseava-se principalmente sobre "autos de corpo de delito", assunto que demonstrou conhecer à fundo. Depois de longa explanação, termina o dr. Valentim afirmando "que o médico, é, como dizem, o homem da ciência, que estuda apenas o corpo em relação com a vida no mundo interno e externo. Não distingue inocentes nem culpados, vê o que são e não é. É sua missão mitigar as dôres dos que sofrem. Os felizes, os que são felizes, êsses esquecem-no quase sempre."

Alterando pouco depois sua atenção para o campo do magnetismo, que na época começava empolgar certos espíritos cultos pela transcendência de seu problema, foi, igualmente, o dr. Silveira Lopes contrariado por um outro colaborador do "Diário de Campinas" que se ocultava sob o pseudônimo de "Nostradamus". Em virtude disso escrevia êle na "Gazeta de Campinas" de 21 de março de 1876, que sen-



do atacado pelo anônimo do "Diário de Campinas" julgava de seu dever reproduzir o artigo que deu origem às insólitas acusações publicadas naquela fôlha. Vinte e cinco anos de experiências na imprensa jornalística dão-me o direito de falar diretamente ao público, desprezando a malevolência dos encapotados, que assim agem com o intuito de prejudicar-me (Note-se que o dr. Valentim José, durante certo tempo, foi conhecido pelo apelido de dr. "Vidrinho". Simpatizante da homeopatia? Talvez!) Mas, escrevia êle, continuando: "O artigo traçado da noite para o dia, com o fim de esclarecer os que ignoravam o que fôsse magnetismo, contém, como já disse mais de uma vez e nêle clara, ente se apontam as opiniões dos homens de ciência, bebidas mais diretamente no Dicionário de Nysten, edição de 1858, obra que, como tôdas de seu gênero contém, em substancia tudo que os autores disseram respeito ao magnetismo." Depois, Silveira Lopes analisa o que se conhecia do assunto em foco, com citações de autores sobre o "hipnotismo e sono nervoso". Finalizando, escreveu - "Ao mascarado, nego competência para obter resposta condigna; pode continuar o seu falsête de escárnio, que não irá longe, de certo. Aqui está a opinião do médico exposta novamente sendo de um médico obscuro, porém cioso de sua dignidade."

Em seguida o dr. Silveira Lopes reproduz o seu artigo publicado no dia anterior, em que se empresta grande valor à ciência que "como terapêutica entende ele que se emparelha com a homeopatia, artes afins por pretender dêle dimanar um fluido, o magnetismo, o ideal da doença, como o ideal do remédio".

Sua viagem foi rápida, pois que pouco depois regressava de Portugal o dr. Silveira Lopes, com tôda sua família, quando teve ensejo de tomar conhecimento do quanto era estimado, sendo saudado pela "Gazeta de Campinas" com estas palavras, publicadas em 8 de junho daquelle mesmo ano: "Chegada - Chegou anteontem à esta cidade de volta de Europe, o nosso illustre amigo e abalizado médico dr. Valentim José de Silveira Lopes, trazendo consigo sua exma. família que tinha ido buscar e lá estava à passeio. Ainda desta vez manifestaram-se por modo solene e altamente significativo e imenso conceito e profunda estima de que meracidamente goza o dr. Lopes entre nós, já pela sua reconhecida e larga proficiência; já pelas extremas qualidades pessoais que o tornaram cavalheiro; quer no trato social, quer no recesso íntimo do lar doméstico. Um elevado concurso de pessoas foi de propósito à Jundiaí com o fim de encontrá-lo. Ali chegando o comboio da estrada de ferro foi o digno viajante acolhido entre a braços e em meio das maiores provas de simpatia, divizando-se em to dos aquella communhão de afetos que transborda o desalôgo dos mais sua



ves eflúvios dalma quando uma grande saudade sobredeira a alma dos que são sinceramente amigos e possuídos de reais e bons sentimentos. Sua exma. sra. e filha foram, igualmente recebidas com aquêles testemunhos de respeito e admiração. Entre os que foram até Jundiaí contavam-se, ainda, diversas comissões, sendo uma da Aug. Loja Independência, outra da Sociedade Artística Beneficente, sendo o dr. Valentim sócio de tôdas estas corporações como de muitas outras, como um verdadeiro ornamento. Aqui na estação de Campinas, ainda, um número enorme de amigos esperavam o dr. Silveira Lopes, acompanhando-o bem como sua família até sua casa de residência."

No mesmo jornal publicava-se que S.M. El Rei de Portugal, conforme se lêra no "Jornal do Comércio" de Côrte agraciara o dr. Valentim José com a Comenda de N. S. da Conceição, da Vila de Viçosa. A lembrança do Monarca português recaiu, sem dúvida, - registra o mesmo jornal - "em um dos homens que mais títulos de aprêço é digno bem como da consideração de todos."

Continuou o dr. Silveira Lopes a escrever para o jornal fundado por Azevedo Marques e publicando suas poesias em prosa rimada, fazendo jornalismo ao lado de Francisco Quirino, isto é, usando a imprensa para expressar seus sentimentos sobre vários aspectos sociais, o que lhe trouxe alguma contrariedade e por não poucas vezes o próprio Governo Provincial (3 de janeiro de 1876) e cujo conhecimento fôra levado o esforço e sacrifício bem como a soma enorme de serviços prestados à causa da humanidade pelo Coronel Quirino (fundador em companhia de seus amigos) dr. Valentim José Lopes e dr. Fernando Marinho de Azevedo de um lazareto durante a última epidemia, consignara em seus anais êsses relevantes serviços e agradecia a cooperação de todos.

No entanto, o distinto facultativo, já bem melhor em sua saúde, resolveu pouco meses depois de seu regresso se transferir novamente para o Rio de Janeiro (26 de junho de 1876), sendo publicado: "tendo de retirar-me brevemente para o Rio de Janeiro, onde vou montar residência, peço à todas as pessoas que se utilizaram de meus serviços e que se acham em débito consigo, para saldarem suas contas," participando, mais que o dr. Oliveira Santos continuaria com a Casa de Saúde sob sua responsabilidade. Dias depois enviava esta carta ao dr. Quirino dos Santos: "Meu caro Dr. Quirino. Vou partir para o Rio de Janeiro onde farei, talvez, minha residência. Vós que sois membro distinto de uma das mais respeitáveis e numerosas famílias deste termo, vós que marchais sempre à frente dessa brilhante pleiade de moços, orgulho de Campinas,



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 12

pelo caráter, pela inteligência e pela posição social, vós que representais a imprensa séria, útil e progressista como ela deve ser, vós, finalmente, que sois o bom amigo de todos os bons campineiros, disse aos vossos concidadãos que eu parto daqui cheio de gratidão e de reconhecimento. Sete anos devem ter sido tempo bastante para nos conhecermos. As provas inequívocas de amizade que em vossa casa recebi na noite de ontem, onde a flôr da sociedade de Campinas se reuniu (Quirino dos Santos era e sempre foi grande amigo dos moços), deixam-me cheio de orgulho e de satisfação. "Aduz, em seguida depois de outras considerações: "Na "Gazeta de Campinas", que me honro de ter visto nascer, disse por mim a todos os habitantes desta cidade que, no fundo do coração guardarei, sempre grato, a lembrança da cordialidade e distinção com que me trataram e que, em qualquer lugar para onde fôr, me honrarei sempre de ser seu apologista e de Campinas. Às suas ordens. Campinas 3 de julho de 1876."

E. o redator principal do jornal de Azevedo Marques, escrevia, então (4 de julho) como artigo de fundo no seu jornal: "O Dr. Silveira Lopes. Retira-se hoje desta cidade para a Corte, com sua exma. família, o dr. Valentim José da Silveira Lopes. A retirada do ilustre médico em cuja alma e inteligência esplendem os raios do saber que emolduram um caráter de eleição, acrisolado pelas virtudes superiores, a retirada do ilustre médico, dizíamos, deixa nesta terra um vácuo imenso. O dr. Valentim José da Silveira Lopes é um desses homens raros nas sociedades modernas. Naquela fronte espessa, naqueles traços corretos de uma fisionomia em que se divizem à primeira vista os estímulos todos da bondade instada, iluminando-se aos reflexos de um espírito robusto, firme e enérgico; naquê le porte sereno e varonil, ao mesmo tempo, parece que estão entre-laçadas as linhas misteriosas em que a simpatia, essa fonte de luz para os grandes sentimentos, vislumbra-se em eflúvios suavíssimos de uma consciência límpida e cheia de sorriso, como um céu sem nuvens. Que coração aquê! "Depois, Quirino dos Santos enaltece o instante doloroso da despedida, principalmente por parte daqueles que haviam sido socorridos e salvos, de pais à cabeceira de seus filhos, os pobres, os pequeninos, os divorciados da fortuna que tiveram nêle o arrimo, o protetor, a providência do mundo!" O Dr. Silveira Lopes sai de Campinas deixando após si como um disco incendiado pelas chamas da glória, espelho em que todos revêm as qualidades excepcionais de sua pessoa. Não há entre nós, neste solo talhado para os grandes destinos, um só inimigo, um só desa-



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 13

feioado! Como não há de ser doce e cara esta recordação, quando, ao longe, perpassar-lhe pela cabeça a lembrança deste período de sete anos que viveu entre nós! "Ainda ultimamente, a Câmara Municipal ao saber lhe a intenção de se mudar, dirigiu-lhe um ofício em data de 12 do mês findo, agradecendo, ainda uma vez, os bons serviços que prestou à corporação e mais, em geral ao tratamento da pobreza. Assim, em diferentes crises de varíola teve à seu cargo, acudindo com suma abnegação de seus cômodos e com prejuízo extraordinário de sua clínica civil, os doentes ali recolhidos nessa casa de beneficência, sendo ele o próprio anjo benfazêjo e salvador de todos os infelizes. Por isso, nós não nos apartamos somente do facultativo exemplar; nós perdemos nêle um dos mais abalizados redatores desta fôlha. À pena primorosa do dr. Silveira Lopes amoldavam-se os assuntos por êle tratados na forma de um estilo brilhante, na dicção castiça de uma linguagem fina, de lei, como poucos sabem manejar a prosa; não somente aqui em Campinas, mas por tôda Província da literatura, essa região encantada onde só têm passe as inteligências provadas na ordem única e verdadeiramente nobre dêste século: o trabalho. Uma das mais belas fases dêste jornal foi a que teve sua colaboração ativa, sendo lidos com avidéz os seus magníficos artigos."

Por aí se vê que se tratava, mesmo, de um homem verdadeiramente excepcional, servil e prestativo, que punha tôda sua técnica de clínico à serviço de todo mundo, ricos e pobres, não se perdendo porém nos meandros intrincados de medicina, mas voltando sempre seus instantes magníficos de inteligência para as coisas da cultura e do espírito, que seriam, poucos mais tarde, o spanágio daquelle belo coração de mulher e de poetisa que foi sua filha, d. Júlia Lopes de Almeida.

A verdade é que no dia seguinte, acompanhado por todos os membros de sua família embarcava o dr. Silveira Lopes para a Corte, sendo na estação da estrada de ferro lembrados os bons momentos de sua vida e sua afanosa luta contra e principalmente a varíola, que no ano anterior atacára tão intensamente a cidade.

Sabia-se depois, (3 de setembro de 1876) por um comunicado chegado a Campinas e vindo da nova residência do médico português, que em sessão da Imperial Academia de Medicina, em 28 do mês passado, foi êle proposto pelo dr. Passanha da Silva, lente da Faculdade de Medicina, para membro titular daquela sábia corporação e isto em razão de um trabalho seu e muito apreciado pelos conselheiros, cuja leitura ocorreu naquela ocasião. Não havendo, porém, vaga de membro titular, cujo número era limitado, o dr. Costa Ferraz propôs que se lhe



desse entrada na referida corporação como membro adjunto, pedindo em todo o caso, o dr. Pessanha que ficasse consignado em ata a sua proposta naquela outra categoria. Assim, pois, acabava o dr. Silveira Lopes de receber demonstração de alto apreço em que sempre foi tido pelos homens de ciência, reconhecendo nêles sua capacidade profissional e seus destacados dotes de inteligência.

Teria que continuar, no entanto, a peregrinação de Valentim José por outras cidades e países em busca de lenitivo para os males que o assaltavam. Partiu, por isso, para a República do Prata procurando naquelas regiões mais frias seu restabelecimento completo (nunca soubemos a doença que o assaltava) da grande enfermidade que sofrêra ultimamente, chegando à Montevideu com feliz viagem, encontrando-se já (22 de novembro de 1877) em vista de ficar completamente bom. Dequela cidade escrevera para Campinas ao seu amigo Quirino dos Santos, entusiasmado com a beleza daquela cidade, cujo aspecto, sempre festivo, dava a medida de bom gosto e asseio, bem com a ordem perfeita na edificação de suas casas. E, acrescentava êle em sua missiva - "Talvez me digam que isto é assim porque é uma cidade do "estrangeiro"; pode ser, mas não são eles que policiam a cidade. Vi, também, uma clínica de estrangeiros, mas ali a imoralidade manifesta-se de todo espantoso, as leis higiênicas só existem no papel e os urbanos da sociedade com os capoeiras põe o pêlo da gente em contínuo arrepio. Ainda hoje, vem num jornal um aviso para todos caírem as casas por dentro, porque em breve se fará correção. "Como estas, ainda faz o dr. Silveira Lopes outras judiciosas considerações sobre Montevideu."

Mas, estava reservada aos campineiros dias após (19 de março de 1878), uma grata surpresa: depois de algum tempo de ausência por motivos de sua saúde voltaria de novo a residir nesta cidade, o conceituado e hábil médico dr. Valentim José da Silveira Lopes que tão invejável reputação formara entre o povo campineiro e aqui retornando instalou sua residência à Rua Direita (Barão de Jaguará) nº 66. Dias depois, (22) voltava à "Gazeta de Campinas" a dar novas do dr. Silveira Lopes: "Estamos em vésperas de ser realizado nesta cidade um excelente melhoramento: a instalação de uma grande Casa de Saúde, perfeitamente montada e nos casos de preencher cabalmente sua difícil tarefa. A idéia foi iniciada e posta em prática por quatro distintos médicos trabalhadores, conforme se pôde ler na circular que está sendo distribuída em todo o Município. Acha-se, pois; à frente dessa proveitosa empresa os srs. drs. Valentim J. da Silveira Lopes, Rodrigo A. Barbosa de Oliveira, Pedro Francisco de Oliveira Santos e Candido Barata Ribeiro, nomes êstes que já por si são



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 15

garantia segura de um resultado de que se deve esperar um estabelecimento aprimorado tal como esse que pensamos aqui vai funcionar. Acreditamos, deveras, nessa Casa de Saúde que completamente organizada e administrada com atividade e solicitude serão incontáveis os seus proveitos. Campinas está no caso de possuir tal melhoramento tanto mais quanto é certo, afiançamos, que o novo estabelecimento vai ter as condições indispensáveis para oferecer aos enfermos todo cômodo possível. Dentro de pouco tempo deverá começar a funcionar essa Casa de Saúde no edifício onde ainda existe o Hotel Oriental, à rua do Comércio, sendo que para tal fim o prédio vai passar por indispensáveis modificações. Nosso desejo é que quanto antes o povo veja realizado esse projeto."

E, assim; de fato aconteceu e o conhecido médico operador dotou a cidade com o grande melhoramento, instalado na casa que fora do falecido dr. Reinhardt, à rua do Pórtico, esquina da rua Lúzitana e "o crédito de que gozou sempre o distinto médico que é o dr. Silveira Lopes nos leva a recomendar a sua casa como digna da atenção do povo campineiro."

Não ficaram somente nesse estabelecimento as atividades do dr. Silveira Lopes pois que trabalhava ele e muitos de seus compatriotas para o levantamento do hospital destinado a abrigar um número ainda mais elevado de doentes, ou fôsse a construção do Hospital da futura Beneficência Portuguesa. E, de fato, isso acontecia pouco depois (29 de junho de 1879), quando, sob a invocação de São Francisco abriam-se de par em par as portas do novo estabelecimento, tendo sido o dr. Silveira Lopes um dos signatários de sua fundação, oferecendo mais a planta primitiva do edifício onde serviu como médico, cabendo-lhe a honra de ter sido o hospedeiro na qualidade de principal elemento daquela Casa de Saúde de S.S.A.A. os Condes D'Albuquerque que aqui estiveram durante a epidemia de febre amarela. Fora, igualmente, um dos grandes auxiliares de D. Vieira na fundação da Santa Casa de Misericórdia, sendo a colata de lançamento de sua pedra fundamental em 19 de novembro de 1871 feita com todo o seu apoio em um concerto musical que fez época e em que tomaram parte sua senhora e filho, coadjuvados pelo professor João Braz de Oliveira Caldeira e senhora, festa essa que se realizou naquela data, no palacete da Baía de Campinas, ante uma sociedade refinadíssima como sóia ser a campineira no século passado.

1876 foi, por assim dizer, um ano em que a figura do dr. Silveira Lopes mais se destacou em tudo e por tudo. Foi nesse ano, também, que se inaugurou o Hospital e Igreja de Santa Cruz, digo, e Igreja de Santa Casa, quando D. Vieira, já escolhido Bispo do Ceará



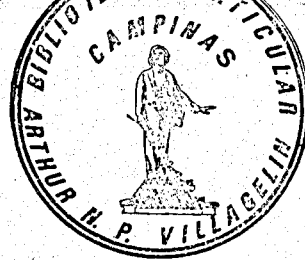
RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 16

deixou aqúêle seu "sermão de pedra" substituindo-o, inteiramente, como Provedor, o dr. Silveira Lopes.

Procedendo-se quase em seguida às novas eleições naquêle nosocômio, retornou já agora em caráter efetivo à Mordomia o mé dico português, assumindo mais a direção clínica do hospital, car gos êsses que ocupou durante muitos anos, sem qualquer remunera- ção. Foi êle, igualmente quem propôs durante sua gestão nos car- gos em aprêço, quem idealizou o levantamento de um busto do fun- dador da nossa Santa Casa, no que obteve auxílio popular, sendo o monumento inaugurado em 14 de abril de 1884, e êle o orador o- ficial que ofereceu aquela obra ao povo de Campinas, entregando- o à sua guarda permanente.

Foi justamente nêsse ano que ocorreram os primeiros casos de febre amarela, que deram motico à acêsa polêmica entre alguns médicos da cidade, chegando-se até ao desfôrço pessoal entre ele- mentos mais exaltados, como conheceremos mais adiante. Denuncian- do à Câmara Municipal de Campinas a existência de alguns casos de febre amarela, seu procedimento foi mal interpretado por al- guns de seus colegas, pelas próprias autoridades policiais e por alguns elementos da população, todos imbuídos pela idéia lançada pelo grande médico que foi Torres Homem, adotada por alguns clí- nicos de que a "febre amarela não subia a serra", como quem afir- masse que a mesma não poderia sair do litoral paulista, chegando até aqui. Com aquela denuncia sofreu o dr. Valentim José uma cam- penha surda, sendo vítima de perseguições que, ainda assim, não aboteram seu ânimo de lutador. Para provar a sua razão em fazer a afirmativa dos casos clínicos ocorridos em Campinas, redigiu u- ma observação médica que submeteu à apreciação da Academia Impe- rial de Medicina. Seu trabalho foi entregue ao dr. Sousa Costa, então catêdrático de Higiene da Faculdade da Côrte que, em brilhan- te memória, deu ganho de causa ao dr. Lopes, elogiando a atitude que tivera mesmo em face da guerra surda e das tricas e futricas de que fôra vítima, tanto por parte de nossas mais altas autorida- des como por parte de elementos da população campineira, ainda que sem expressão alguma. A memória daquele médico carioca, publicada no "Diário Oficial" e no "Jornal do Comércio", depois de amplamen- te debatida na Academia, serviu de bases para teses de doutoramen- tos e concursos. Pouco depois escrevia o dr. Silveira Lopes novos e desenvolvidos trabalhos sôbre o assunto em foco e que, ainda na mesma Academia, depois de parecer favorável do dr. Passanha, deu motivo a que se convidasse o dr. Silveira Lopes, também, para o



cargo de seu médico correspondente, uma vez que já era o adjunto do notável sodelício. Agastado mais uma vez com o que lhe ocorria pede, então, um atestado à Câmara Municipal de Campinas (12 de junho de 1876) que afirmou "durante sete anos que aqui residiu sempre foi bem recebido e com excelente conduta" renovando-lhe, então, a edilidade seus agradecimentos não só pelos trabalhos clínicos, como, igualmente "pela sua bondade em tratar a pobreza." Assim, retirou-se ele, novamente, para o Rio de Janeiro em 5 de julho daquele ano, conforme relatamos linhas atrás.

Pouco depois para cá voltava reabrindo; então, sua antiga Casa de Saúde à rua do Pórtico. Continuou seus trabalhos na cidade, principalmente junto à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e Beneficência Portuguesa. Naquela hospital, quando era seu provedor interino, houve importante reunião (3 de junho de 1883) ou melhor uma assembléia geral da Irmandade de Misericórdia naquele edifício, a fim de se proceder à eleição dos novos empregados. Compareceram cerca de quarenta irmãos, entre os quais o fundador do estabelecimento de caridade, o Exmo. Sr. Bispo eleito do Ceará, D. Joaquim José Vieira. Aberta a sessão, lido o relatório dos trabalhos procedidos até ao meado de abril e elaborada pelo sr. ex-provedor que fôra o amado bispo cearense, no qual S. Excia. Revdma. fez as suas despedidas e disse que esperava contar com a costumeira boa vontade e auxílio de todos para a marcha regular do estabelecimento. Depois, o presidente da reunião leu seu relatório desde a época em que deixara a direção do hospital o Bispo D. Vieira, tornando ainda bem patente os serviços que a corporação prestava à pobreza de Campinas, em suma, tudo aquilo se devendo ao benemérito sacerdote e, em virtude do alto aprêgo em que tinham ele e seus companheiros, pelos trabalhos de D. Vieira; apresentou proposta para que se mandasse cinzelar em mármore o busto de S. Excia. Revdma. para ser colocado em uma de suas salas. Esta idéia foi acolhida com gerais aplausos e recebida com a maior aceitação. (De fato, esclarecemos, mais tarde foi levantado o busto mas não em uma de suas salas, mas em frente à igreja de N. S. do Boi Morte, e transferido posteriormente), sendo dali retirado com solenidades em cerimônia simples mas tocante o seu corpo que ali fôra enterrado. (1962).

Após a leitura feita pelo dr. Silveira Lopes o dr. Pereira Lima saudou D. Vieira em comovidas frases depois de expor as altas qualidades do Exmo. Sr. "Cônego" e de lhe revelar o quanto



Campinas lhe era grata, apresentando a idéia que seria levada em homenagem à S. Excia. Revdma., estabelecendo-se ali uma enfermaria especialmente destinada às crianças desválidas, aos pobrezi-nhos que não tinham o menor recurso, que viviam sob o peso das enfermidades, abrindo-se para esse fim uma subscrição para a qual, declarou, assinava no momento a quantia de 2:000\$000. As últimas palavras de SS. foram cobertas por vibrantes salva de palmas. Em seguida, o dr. Luiz Silvério exaltando aquêle nobre gesto do ilus-tre dr. Pereira Lima, propôs que se consignasse em ata um voto de louvor pelo seu procedimento e que a realização desse pensamento fôsse feito em conjunto entre a mesa de Irmandade de Misericórdia e o proponente, ficando o mesmo, nesse caso, com plenos poderes pa- ra tratar do assunto em tôda sua particularidade. Em seguida falou o "Cônego" Vieira agradecendo as homenagens procedendo-se, depois a eleição de novos mesários, recaindo a escolha nos srs. Vigário Francisco de Abreu Sampaio, Mordômo; dr. Valentim J. da Silveira Lopes, tesoureiro; Bento Quirino dos Santos, secretário; Capitão Raimundo Prado, procurador; Luiz Ferreira Pires e mesários (vinha uma lista que era encabeçada por Antonio Joaquim de Abreu).

O Dr. Pereira Lima foi o primeiro médico em Campinas que tratou do problema das crianças doentes, das desválidas e das po- brezinhas, como consta da ata da Irmandade de Misericórdia. Seu nome todo, Francisco Augusto Pereira Lima foi inscrito em uma das ruas da cidade. Tornou-se notável não só em Campinas onde praticou sempre com rara intuição as mais delicadas operações, trabalhou mui- tos anos na Santa Casa de Misericórdia, foi vereador à nossa Câmara Municipal de 1881-1884, auxiliando grandemente D. Vieira na eleva- ção de sua piedosa obra na atual rua que tem seu nome. Mineiro, e- qui residia desde antes de 1881, sendo político destacado, filiado à corrente liberal.

Quando idealizou aquela "sala D. Vieira" para tratamento gra- tuito das criancinhas, mereceu o m.édico que Campinas acolhia, tam- bém, com tanta simpatia, da "Gazeta de Campinas" algumas palavras de encômios. "A notícia de ontem, sobre a reunião da Irmandade da Santa Casa, destacou e pôs em relêvo, detidamente, a proposta do dr. Pereira Lima que iria contar, certamente, com a direção daque- le jornal, para o movimento nobre que se pedira, partido do cora- ção generoso do ilustre e filantrópico facultativo, para que se en- carasse e atendesse a triste situação dos meninos pobres que enfer- man. Em um Município que conta com tantos recursos, temos como o ves- to do mais acrisolado patriotismo e desinterêsse vindo à sua mente, de que havia uma lacuna profunda na cidade e para que a mesma fôsse preenchida, o pedido de um higienista ilustre. O dr. Pereira



Lima com o seu fecundo pensamento proporcionou à cidade a idéia da caridade que deveria ser voltada ao mais importante problema social e de certo desfeceria uma sentença de morte na desanimadora frase de La Fontaine: "É loucura contar-se com mais de dez anos de vida no desolador quadro demográfico de Demonferend".

A proposta da construção no hospital de uma enfermaria especialmente dedicada às crianças, com a inscrição e porque não diremos sob a invocação do nome de D. Vieira, é a mais justa homenagem que se presta ao virtuoso padre que fez do amor e devoção dedicadas aos seus semelhantes os degraus da escada por onde subiu até o fastígio das dignidades que sobrelevam os traços característicos da alma bem formada do dr. Pereira Lima. Com esse gesto o médico mineiro saldou sua primeira dívida contraída para com Campinas, o que tanto comoveu seu coração de cidade-mulher, e, ele, então, com o maior abandono de si mesmo, entregou à quem de direito a realização de uma idéia que o recomendará altamente, limitando-se, sem pretensões, a abrir a subscrição que solicitara com o seu óbulo de dois contos de réis. Campinas - "termina o comentário do jornalista" - desta vez ainda será a Campinas de todos os tempos." Pouco antes de viajar novamente Silveira Lopes (28 de dezembro de 1882) ocorreu na cidade um fato extraordinário que chamou a atenção da imprensa e ele noticiou: "Faleceu domingo último (24) nesta cidade, um mico de nome Manoel Joaquim de Oliveira, negociante português, residente à rua Regente Feijó, esquina da Rua América (quase junto à cadeia). Havendo desconfiança de que tivesse morrido envenenado visto ele próprio ter dito pouco antes que assim o feris, o sr. Delegado de polícia mandou proceder a inquérito e mais formalidades legais. Dessas diligências, porém, nada se apurou pelo que foi mandado fazer auto de autópsia no cadáver, sendo para isso nomeados os srs. Drs. Silveira Lopes e Guilherme da Silva, assistindo-os como auxiliares o srs. Drs. Antenor Guimarães e Pereira Lima. Ao abrirem as cavidades torácicas e abdominal os operadores foram surpreendidos com membros do lado esquerdo que estavam colocados à direita e vice versa. Por exemplo, este o caso verdadeiramente fenomenal e digno de admiração; os órgãos do pulmão direito, que tem três lobos, estava à esquerda, que tem dois e este estava à direita; o coração estava colocado à direita correspondendo ao quinto espaço intercostal direito, o fígado, um tanto desenvolvido estava à esquerda e sobre a sua parte convexa repousava o ventrículo direito; o bazo estava à direita, o estômago, igualmente tinha uma disposição inversa e assim todos os vasos, como a veia cava, a artéria pulmonar, etc. Sabemos que todos os médicos procurados para verificarem esse fato extraordinário, o único que compareceu foi



o dr. Pereira Lima.

Voltemos, no entanto, ao dr. Valentim José da Silveira Lopes, novamente atribulado com suas viagens, notadamente a esta altura de sua vida, quando mais intensamente se dedicava à obra da Beneficência Portuguesa. Seu embarque ocorreria em 23 de março de 1886, quando, então, a diretoria daquele nosocômio fazia inserir na imprensa local notícia de que "retirando-se no dia 23 do corrente para a Europa o distintíssimo clínico dr. Valentim José da Silveira Lopes, médico desta utilíssima associação, teve de resignar ao lugar que aqui exercia dignamente."

O sr. Dr. Csetano Monforte ciente disso, ofereceu-se generosamente para substituí-lo nas mesmas condições (gratuitamente) em que tem servido seu antecessor. Ao dr. Silveira Lopes a quem não podemos negar os mais relevantes méritos pela forma por que sempre encarou o ser sacerdócio, desejamos pronto regresso."

Também, o dr. Guilherme da Silveira acudira ao chamado do dr. Monforte e ambos prestaram relevantes serviços à Beneficência no lugar do médico português, que, aliás, diga-se de passagem não só cuidou do hospital de seus patrícios como também de outras instituições de caridade de Campinas, fazendo com que seu nome ficasse inscrito entre outros dos maiores benfeitores de todas as entidades onde deixou gravado seu nome.

Também sua filha, d. Júlia Lopes, que estava já em evidência notadamente nos círculos de nossa imprensa e culturais da cidade, deixara na redação do jornal campineiro um bilhete de despedida, pois que, então, já colaborava no matutino campineiro. E, como da primeira vez, no dia do embarque do distinto médico grande número de pessoas amigas foram à estação da estrada de ferro, sendo comovente o momento de sua partida, tendo a diretoria da Sociedade Portuguesa de Beneficência acompanhado o médico e sua família até Jundiá, costume que se prolongava tradicionalmente nos hábitos das mais importantes famílias campineiras, quando se tratava de pessoas bemquistas e de certo relêvo na cidade.

Dizia, no entanto, a destacada fôlha de Quirino dos Santos: "A fim de restabelecer a sua saúde um tanto combalida de há pouco tempo a esta parte, segue hoje viagem para Portugal o dr. Valentim J. da Silveira Lopes, juntamente com sua exua. família. Honrou-nos o distinto facultativo com a sua visita de despedida e fazemos votos de feliz travessia é que encontre em solo pátrio o lenitivo que deseja, regressando o mais breve possível a esta cidade. Queremos nos referir, ainda, ao ofício que a diretoria da Beneficência Portuguesa lhe enviou em data de ontem, no qual, entre outras coisas se lê: "queira V.S. levar para o nosso Portugal, para a nossa que



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 21

rida pátria, uma afirmativa dos muitíssimos serviços prestados por V.S. à nossa Beneficência Portuguesa em particular e em geral à colônia portuguesa desta cidade. O desejo de V.S. é uma ordem e seu cumprimento é a garantia do maior dos deveres que a gratidão impõe. "O que foi V.S. para a Beneficência Portuguesa dizem-no já, em cânto uníssono de agradecimento, todos os sócios dela e não só os que a ciência e a dedicação de V.S. arrancaram a um constante sofrer, mas, também, os felizes que podem admirar em V.S. a abnegação elevada ao sacrifício. "João Gomes Pinto, presidente, José da Silveira Borges, vice-presidente."

Quando de sua passagem por Portugal, o dr. Silveira Lopes que já conhecia o maestro Carlos Gomes, teve ocasião de visitá-lo no hospital a que se recolhera durante alguns dias, já atacado pela insidiosa moléstia que o levaria alguns meses depois, (16 de setembro) ao túmulo. Sensível, emocional, o dr. Silveira Lopes não resistiu ao ver o sofrimento que dominava o maestro a ponto de chorar à porta de seu quarto, conforme relatei em meu livro "Carlos Gomes, o Tonico de Campinas."

No entanto, já em fins de 1888 Campinas contava, de novo com a presença do dr. Silveira Lopes em seu seio, quando aqui voltara para uma visita que viera fazer à sua filha de nome Adelaide, já casada. Foi então que tivera conhecimento de alguns casos de febre amarela que já apareciam por aqui, esporadicamente e que iriam, no ano seguinte, culminar em verdadeira hecatombe que durante meses assaltou a cidade, tornando-a, por assim dizer, inerte e inerte diante da sombra da morte. Alguns médicos, diz o próprio dr. Valentim José em sua autobiografia, "justamente os que não acreditavam que a moléstia "subis a serra" deixaram a cidade diante da virulência com que grassava a peste, aumentando com isso o pânico da população pela falta de clínicos. O dr. Silveira Lopes, no entanto, manteve-se firme em seu posto tendo sido agraciado mais uma vez pelo seu desvelo em prol da população, com medalha de ouro que lhe foi outorgada pela Câmara Municipal. Nesses dias, impossibilitado de visitar Campinas como era sua pretensão, D. Pedro II enviou a esta cidade o sr. Conde D'Albuquerque que foi então, recebido particularmente na residência do dr. Silveira Lopes e em sua companhia visitou famílias pobres, recolhimentos e hospitais. Amainada a onda de terror que descera sobre a cidade, vai de novo o dr. Silveira Lopes para Lisboa depois de aqui ter chegado em 21 de junho de 1888 e permanecendo durante todo esse longo período, lá chegando em 12 de agosto de 1889. Submetido a uma quarentena em sua terra



natal, seguiu logo em seguida rumo à Paris onde se encontrava gravemente enferma uma de suas irmãs. Examinando-a em seu leito de dor, o dedicado dr. Silveira Lopes discordou, então, do diagnóstico feito pelo seu colega francês, chamou-se, então, em conferencia o grande sábio que foi Peler que deu razão ao médico português contra a opinião de seu compatriota. Retornou à Lisboa e ali se encontrava quando teve notícias da proclamação da República no Brasil, visitando alguns meses mais tarde em Lisboa os destronados Imperadores brasileiros, à 6 de janeiro de 1890. Foi dos poucos elementos que, pressurosos, correu a receber os despojos da falecida imperatriz brasileira, na estação de Santa Apolônia, não podendo acompanhar seu corpo até S. Vicente de Fora porque, infelizmente, sua irmã Adelaide falecera em sua terra, pois que a doente fôra transportada de Paris para lá.

Não parou o notável médico em sua carreira e em sua vida afanosa e trabalhosa e ei-lo de volta ao Brasil (2 de maio de 1890), quando soube, então, ao abordar o navio em que viera ao Rio de Janeiro que fôra agraciado com o título de Visconde de São Valentim, cuja Comenda lhe fora concedida pelo Rei de Portugal em 4 de maio de 1890. Além dêsse título recebeu, igualmente, o Oficialato da Ordem da Rosa, honraria conferida pelo governo brasileiro. Infelizmente o dr. Silveira Lopes não mais retornou à Campinas e, perdendo sua esposa em 26 de fevereiro de 1895, o que o sacbrunhou imensamente e tendo já casado suas filhas e um de seus filhos, voltou de novo à Europa continuando sua peregrinação já quase no fim da vida. Dê ele que salvára tantas vidas o destino reservára outra amarga surpresa, quando perdeu sua filha Maria José, já viúva duas vêzes (em 12 de abril de 1896). Escreveu êle mesmo, o dr. Valentim José: "Campinas, cidade que me prende a grande número de recordações, onde passei mais de vinte anos em intensa atividade profissional, pois voltar a ela sempre foi meu hábito como testemunho de minha profunda gratidão" lembrando-se então em suas memórias de sua presença aqui em 1893 quando do lançamento e abertura dos portões da velha Beneficência aberta como o coração dos filhos de sua pátria para a comunidade brasileira. Recordar-se, então, não se seu escrito, de que, assistindo à assembleia que se realizava em virtude de pedido de demissão do médico do hospital, teve que assumir a direção clínica geral do nosocômio, o que seria por apenas alguns dias que se prolongaram, no entanto, pelo espaço de dois longos anos! Nos seus relatórios, é ele ainda quem lembra, sempre de se a criação de um "isolamento" para tuberculosos e construção de modernas salas de cirurgia, o que somente depois de grandes esforços



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 23

se conseguiu em época em que ele não mais se encontrava à testa daquela casa de saúde. Recorda-se mais o distinto médico de que, em 12 de março de 1883 apresentou em Campinas um projeto para criação de escolas primárias onde se incutisse às crianças o gosto pelo desenvolvimento da agricultura (Campinas naqueles dias era a "Capital Agrícola da Província") e se ensinasse o amanho da terra e seu cultivo e exploração. Essa idéia mereceu aprovação de alguns camaristas na legislatura do ano, inclusive um bem elaborado relatório do dr. Jorge de Miranda, tendo sido, no entanto, julgado "inoportuno". Recorda-se, ainda o médico português no escrito sobre sua vida pregressa, da exposição agrícola aqui realizada e inaugurada em 25 de dezembro de 1885, quando teve ocasião de continuar na propaganda de sua idéia sobre a agricultura, distribuindo um opúsculo "Escolas Agrícolas", que escrevia visando o problema da grande imigração que então se processava já em larga escala, bem como a criação de núcleos agrícolas.

Foi, ainda ele, quem teve a idéia de aproveitar a cachoeira de São Valentim, situada na fazenda de seu filho neste Estado, em Santa Rita do Passa Quatro, para fins industriais, tendo em sua viagem pela Europa e quando de passagem por Berlim exibido fotografias da mesma na "Casa Siemens", obtendo informações sobre o aproveitamento daquela importante queda d'água. Não foi feliz, no entanto, e nem pôde levar adiante sua idéia na ocasião que, somente catorze anos depois, isto é, em 1904 conseguiu-se incorporar e formar a Companhia de Força e Luz de São Valentim, para a qual foi eleito presidente, dirigindo-a durante dois anos, unicamente. Assistiu ele à consagração de sua filha a poetisa d. Júlia Lopes de Almeida na cidade de Paris, em 1914, quando ela recebeu merecida homenagem dos intelectuais franceses em seu cenáculo maior. O dr. Silveira Lopes ganhou, mais, graças e distinções que lhes foram conferidas desde d. Maria II até D. Carlos I (quatro reinados). Ao morrer possuía ele os seguintes títulos: dr. em medicina, laureado na Alemanha e Brasil; membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro; da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa; da Sociedade de Geografia da mesma cidade; Fidalgo da antiga casa Real de Portugal; Cavaleiro da antiga e Mobilíssima e Esclarecida Ordem de São Tiago; Cavaleiro do Mérito Científico Literário e Artístico; Comendador da Ordem Militar de N. S. da Conceição de Portugal; Comendador da Imperial Ordem da Rosa do Brasil; premiado com medalha de ouro da campanha da febre amarela em Campinas, pela nossa Municipalidade; Sócio benemérito da Sociedade Portuguesa de Beneficência e Sócio Benemérito R. S. D. Pedro V, do Rio de Janeiro. Finalmente,



RUA DR. SILVEIRA LOPES

Fls. 24

depois de ter prestado tão assinalados serviços à causa da humanidade descansou o ilustre varão português de suas árduas e difíceis lutas, falecendo em 7 de março de 1915, provocando a sua morte as mais vivas manifestações de sentimentos e pesar de rôda uma sociedade unida na dor que a assaltou naquela lutuosa data.

(Extraído de fls. 47 a 69, do 21º volume da "História da Cidade de Campinas", de autoria de Jolums Brito, pseudônimo de João Baptista de Sô, edição Sareiva (S.P.), 1966).

anpv/04/84